

Alternativas para reduzir a dívida

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O governo brasileiro examina atualmente três diferentes alternativas para reduzir o montante de sua dívida externa: operações exclusivamente de mercado, operações de mercado com suporte de organismos internacionais e esquemas de "debt facilities", os acordos especiais de débitos com agências internacionais.

"Estamos analisando opções nessas três vertentes, mas ainda não nos definimos por soluções específicas", disse a este jornal o assessor internacional do Ministério da Fazenda, diplomata Sérgio Amaral, que chefia o grupo de trabalho encarregado de estudar fórmulas para redução da dívida.

O ministro Mailson Ferreira da Nóbrega deu a Amaral a missão de contactar a comunidade acadêmica brasileira, banqueiros internacionais e técnicos de outros países do Terceiro Mundo para analisar o tema. Ele define, assim, as três vertentes em que opera atualmente:

1. Operações puramente de mercado: "Estamos estudando diferentes modalidades de lançamento de títulos no mercado financeiro. Isto é o que se chama de operação puramente de mercado".

2. Operações combinadas: "Estamos estudando o que eles chamam aqui de "exchange offer" (oferta de troca). Os bancos voluntariamente nos ofereciam uma troca de seus atuais títulos da dívida por um novo título, que teria certo "enhancement", ou seja, uma garantia suplementar. É o que nós consideramos um prolongamento do bônus de saída que lançamos no acordo com os bancos", diz Amaral.

O tipo de garantia suplementar varia. Pode ser algo como o cupom zero do governo americano que o México agregou em seu acordo deste ano com o Morgan Guaranty, por exemplo. "No bônus de saída", explica o diplomata, "você dá ao banco a chance de ele trocar a dívida que ele tem sindicada por um título novo. Este tem que ter uma nova qualidade, para favorecer os bancos, e um desconto, para favorecer o país devedor. O que nós queremos é um desconto maior."

3. Debt facilities. "É uma avaliação que estamos fazendo, junto com outros países, sobre essas diferentes propostas de "debt facilities" para ver como isso pode funcionar, para que nós formemos uma opinião comum.

Ela implica criar uma agência, no Banco Mundial, no Fundo Monetá-

rio Internacional ou em ambos, com a função de comprar a dívida do Terceiro Mundo e repassá-la aos devedores com algum tipo de desconto", afirmou.

Amaral reuniu-se com o Comitê Assessor de Bancos, presidido por William Rhodes, do Citibank, na quinta-feira, em Nova York. Acompanhado por um diretor do Banco Central, Arnim Lore, ele expôs aos banqueiros as medidas que o Conselho Monetário Nacional adotou na quarta-feira e prometeu avisá-los de futuras alterações na política econômica.

Em troca, recebeu uma boa notícia: os bancos credores voluntariamente ampliaram, na sexta-feira as linhas de crédito comercial para o Brasil. "É um sinal muito positivo", disse a este jornal um banqueiro do comitê assessor, que não quis porém declarar o montante das novas linhas.

"O objetivo principal da conversa foi informar os bancos do que estamos fazendo", disse Amaral numa entrevista coletiva em Washington na sexta-feira. "Para eles entenderem um pouco melhor por que estamos atravessando uma fase muito complexa no País, com proposta orçamentária, pacto social, programa econômico, etc."

(Continua na página 18)

GAZETA MERCANTIL

8861 730 S -
5 DEZ 1988